

UNIÃO E RELAÇÕES DE GÊNERO: RELATOS DE UMA MORADORA EM SITUAÇÃO DE RUA

Wendell Marcel Alves da Costa

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, marcell.wendell@hotmail.com

Resumo

Este ensaio tem como objetivo apresentar as categorias de biografia, trajetória e campo da etnografia entre moradores em situação de rua – Natal/RN – e analisar o discurso social sobre a união e as relações de gênero entre homens e mulheres a partir dos relatos de uma moradora (negra) em situação de rua. O trabalho desenvolve uma discussão conceitual sobre as categorias trabalhadas na etnografia, além de apresentar e discutir ao mesmo tempo o método e as significações encontradas no campo por meio da construção do discurso da interlocutora. Identifiquei no campo um sistema *violência-união-moradia*, demonstrando uma moral que está relacionada à proteção dos pares nas ruas e os sentidos de justiça presentes no imaginário dessa população no contexto da união e das relações sociais entre a interlocutora e o seu companheiro.

Palavras-chave: União, Moral, Moradores em situação de Rua, Relações de Gênero.

Introdução

Segundo Bourdieu (1998), o discurso de biografia de vida está condicionado em uma narração que se assemelha a uma aventura, contada em atos organizados, produzindo se não uma *ilusão* acerca da verdadeira crônica, porém, admite-se às personagens, menos emocionante.

O trabalho do antropólogo, nesse sentido, está posicionado na posição de ouvir e, ao mesmo tempo, desvendar as evidências simbólicas das histórias contadas para depois produzir uma narração verossímil. Esse método envolve os três pontos-chave do antropólogo em campo, sendo eles olhar, ouvir e escrever (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006), cada etapa com os procedimentos adequando-se ao corpo social, sendo o olhar e o ouvir, como colocado por Geertz (2005), a primeira parte da pesquisa – o “estando lá”, *beingthere* –, enquanto o escrever, a segunda – o “estando aqui”, *beinghere*.

Entrementes, a biografia ou a autobiografia não se fazem, principalmente a segunda, de fatos contados por inibições ou inclusões de sujeitos fantasmas nas elaborações de seu discurso de vida. A história de vida precisa estar orientada nas personagens secundárias, a fim de conhecer as composições de cenários, que Bourdieu chamará de “estados sucessivos”. Neste ensaio sobre a moradora em situação de rua – para efeito de preservar a identidade da nossa interlocutora, a

chamaremos de Marta –, objetivo deste trabalho, sua voz foi a única ouvida para ser conhecido o caminho percorrido até onde nos encontramos sentados no Instituto Federal do Rio Grande do Norte, durante um evento sobre cinema e direitos humanos.

A proposta aqui tem em vista ressignificar o trabalho de campo realizado em 2013, no âmbito do I Seminário sobre População em Situação de Rua e da Mostra de Cinema em Direitos Humanos, no qual tive o primeiro contato com a interlocutora. Este trabalho de campo possibilitou a publicação do artigo *Violência e Cooperação na Cidade: a ordem social entre moradores em situação de rua em Natal/RN* no I Congresso Nacional de Ciências Sociais, em Vitória-ES (COSTA, 2015). A releitura do trabalho realizado está alocada na discussão sobre as questões de gênero e relações de poder envolvendo sujeitos em papéis sociais periféricos, suburbanos, marginalizados e socialmente invisibilizados.

No campo foi encontrado o valor simbólico da *união*, em suas diversas vertentes de entendimento na composição das relações de gênero. A discussão aqui abordada leva em consideração o tratamento simbólico que se dá ao valor da união no mantimento da cooperação e da proteção social entre os moradores em situação de rua, especialmente na figura da nossa interlocutora. Analisa-se qual o discurso dela sobre a relação com os seus companheiros, e indica-se que a sua visão de ter “um companheiro” não repercute na ordem moral da cooperação social, quando esta é compartilhada pelos demais moradores. O valor da *união* não se conjuga ao valor moral da sobrevivência física da interlocutora, que vivencia um contexto de profunda violência simbólica e física.

Resultados e Discussão

Mulher de pele negra, olhos cansados e conduta muito gentil e de boas palavras, Carla, nossa interlocutora, comenta sobre sua vida, desde antes, quando morava em São Paulo, até quando chegou a visitar o Paraguai, partindo para Maceió e Pernambuco, terminando sua jornada no Rio Grande do Norte. Sua vinda para Natal se deu porque em Palmares, Pernambuco, ela conheceu “*um homem muito rico*” em uma boate onde ela dormia, “*que disse ‘vamos pra Natal que lá você vai ganhar bastante dinheiro’*”.

Nessa trilha, que ela comenta ser “*muito perigosa*”, encontrou de tudo: “*de gente boa que ajuda com um prato de comida e moradia, até gente má que se vinga uns dos outros*”. A protagonista Carla é artista: faz pulseiras coloridas e as vende para poder comer suas refeições diárias, às vezes apenas uma; é estudante: faz um curso de camareira no IFRN – Cidade Alta. É,

antes de tudo, uma pessoa otimista, pensando em sair da rua e morar em sua casa própria, já adiantando toda a documentação necessária para tal realização. Não é religiosa, mas agradece a Deus por tê-la salvado de todos os momentos em que teve medo. Carla é, assim, um mundo particular criado por uma situação real, que se encontram vários sujeitos predisposto às mesmas barbáries.

Sua condição de pessoa em situação de rua está sujeita a várias interpretações, pois como pessoa mentalmente mutável, vive munida de seus remédios para o controle emocional – é depressiva – e para evitar as crises de esquizofrenia. Toda semana busca seus remédios na CAPS, e na mesma instituição também participa de encontros com pessoas que estão na condição de usuários de drogas. Não esconde a possibilidade de voltar a usar o crack, a cocaína ou qualquer outra droga, por isso pretende se afastar do companheiro de rua, Roberto – pseudônimo –, de cinquenta e três anos, que usa frequentemente as substâncias, convidando-a a experimentar e voltar novamente ao processo de limpeza do organismo. *“Ele é um bom homem pra mim, mas brigamos muito; se eu continuar com ele, nunca vou me curar de vez das drogas. Quero sair disso”*, comenta Carla. No entanto, tem medo dos outros homens: *“muitos deles só se aproximam da gente pra se aproveitar. Se eles oferecem algo pra gente, droga, dinheiro ou comida, é pra se aproveitar da gente”*.

Das pessoas que ela se aproxima, muitos acham que vão ser assaltados, enquanto que outros se impressionam com o modo dela falar: *“Muitas me dão atenção, mas outras também correm de mim. Encontrei pessoas que me acolheram dentro da casa delas, já arranjei emprego em casa de patroa; mas o Roberto sempre me achava, e as pessoas me mandavam embora, vendo aquele homem me observando toda hora. Eu sempre conseguia um lugar pra morar, mas o Roberto sempre aparecia. Ele vem atrás de mim até me encontrar. Ele é incrível, sempre me achava; pra saber se eu não tava fazendo nada de errado”*.

Carla não enfrenta problemas para entrar nos albergues, porque têm todas as suas documentações, mas já sofreu algumas sanções dentro do órgão: *“Já fiquei três vezes sem poder dormir no albergue. Uma aconteceu por que me esqueci de dobrar o lençol da cama e guardá-lo no armário. Tomei três dias de suspensão. Outra vez gritei uma funcionária de lá. Tomei catorze dias. A pior foi quando dei uma tapa nas costas de Roberto. Estava chateada com ele. Eu tomei vinte e um dias sem poder dormir lá. Eu não podia dormir, mas o Roberto podia, mas ele preferiu vir para a rua comigo. É por isso que gosto tanto dele, ele é muito companheiro”*.

Com exceção de seu companheiro, ela nunca quis formar um grupo, se unir com pessoas que estão na mesma situação de moradia de rua. Ela prefere ficar sozinha: *“Sou muito agressiva.*

Não tenho paciência. Só mesmo Roberto me aguenta. E olha que nem sempre; é tanto que agora estou brigada com ele. Ele deve estar por aí?. A moradora em situação de rua não busca afiliação.

As histórias de vida das moradoras em situação de rua eventualmente se referem às violências que ocorrem no âmbito das ruas da cidade, indicando que, em alguns dos casos, já ocorriam violências no âmbito doméstico. No contexto da narrativa da violência da nossa interlocutora, coexistem dois movimentos na construção da cooperação social e da união entre os homens e mulheres: o primeiro é que a união com os homens produz uma proteção das mulheres, e o segundo, em contrapartida, a união acarreta num encarceramento da mulher.

Indubitavelmente, a construção da violência simbólica da população em situação de rua já existe na invisibilidade dos seus corpos, e se torna uma duplicata à união com os homens, configurando numa percepção da organização espacial e simbólica dos corpos das mulheres no mantimento de uma estrutura dos corpos.

Entende-se que as queixas (GREGORI, 1989, p. 171),

É a revolta na imanência, expressão de um ódio que não favorece a evasão e a ação de confronto. Não é um contradiscurso, nem permite a formação de um contra-universo. As mulheres reconhecem – em suas queixas – que o mundo feminino é prisioneiro e que o masculino apresenta maiores chances de liberdade. No entanto, esse reconhecimento não supõe a criação de uma identidade.

As queixas são, por excelência, os dispositivos de enunciação dos flagelos sofridos pelas mulheres. As cenas podem ocorrer em diferentes cenários: na casa, no shopping e na rua. Neste último cenário, as cenas acontecem em espacialidades e temporalidades que não são as mesmas dos cenários anteriores: muitas vezes na madrugada, na beira do asfalto e em condições de frio ou de calor. As cenas de violência ocorrem, portanto, num espaço coletivo, urbano e compartilhado com outras pessoas no âmbito da cidade; contudo, as queixas aqui deferidas referem-se ao posicionamento de não vinculação, de um individualismo do espaço de vivência, ou, até mesmo, de uma construção de identidade de *isolamento*

Dessas narrativas da violência estão situadas as relações de gênero e, conseqüentemente, de poder e de dominação. Os estudos de gênero e de sexualidades no Brasil têm indicado uma preocupação com as violências de gênero, e as discussões revelam as trajetórias, as narrativas e as histórias que circundam as situações de violências na manutenção dos papéis sociais (GROSSI, 2010). Se os papéis sociais estão justapostos em estruturas de dominação e de relações de poder do homem sob a mulher, como discutir a inversão de condutas num âmbito onde a violência acontece em cenas públicas da cidade, invés de acontecer em espaços fechados?

O trabalho aqui realizado da interpretação do discurso de uma moradora em situação de rua tem em vista analisar o contexto em que ocorrem as violências urbanas, e entender a micropolítica do poder existente nas relações de gênero e de papéis sociais. Como destacado, a personagem Carla – no sentido que existem representações e do uso de códigos para a ilusão biográfica – não se afilia a um homem para manter a sua segurança. Ela compreende que existem normas para o mantimento da ordem social entre a população em situação de rua, e que outros moradores se afiliam a outras pessoas para se protegerem. No caso dela, há uma predominância ao isolamento, em partida ao requisito da cooperação social entre os seus companheiros que igualmente estão na mesma situação de moradia de rua.

As relações entre homens e mulheres incorporam dinâmicas do ambiente urbano por onde essas pessoas produzem sentidos, afetos e narrativas da união. A união é, em primeira instância, o refúgio para a segurança e para o mantimento psíquico; ou seja, ter um companheiro, para uma parte das mulheres, minimiza as dificuldades de se viver na rua, não somente por causa das agressões – entre os próprios moradores em situação de rua no conflito por espaço e ponto de trabalho – como também pela alimentação. Em contrapartida, a união requer, em grande medida, o *sujeitamento* de seus corpos, que já estão modelados pela sociedade e por um discurso de dominação urbana que adormece as subjetividades e as identidades de mulheres em *cárcere público*¹.

Manter-se sozinha, como é o caso de Carla, exige uma posição diferenciada: às vezes agressiva e outras vezes irrepreensível. Portanto, enfrentar os conflitos – psicológicos e físicos – da rua constroi uma ação social que representa a justaposição de papéis de gênero que se entrecruzam, possibilitando um campo múltiplo de entendimento das diferenças de gênero.

No caso de Carla, ela passa uma surpreendente dinâmica de conhecimento das relações sociais, como questões sobre crime e família. Sabe que mesmo que queira viver sozinha, dormir sozinha e ganhar o pão do dia também sozinha, em algum momento irá precisar da ajuda dos seus colegas de rua. Lembramos que a grande maioria da população em situação

¹ *Cárcere público* é um termo que podemos utilizar na tentativa de dimensionar a produção de corpos em trajetos urbanos coletivos, como ruas, becos, cantos e lugares da cidade. O corpo encarcerado refere-se a apropriação figurativa de “liberdade” de mulheres em moradia em situação de rua, mas que, ao mesmo tempo, são vítimas de um sistema social que inoportuna as liberdades sobre o discurso, a estética, as trajetórias e vivências destas mesmas mulheres – em sua maioria negras e pobres. O *cárcere público* representa, nesta medida, a duplicação da violência – física e simbólica – nos sentidos sociais, políticos e econômicos.

de rua conhece uns aos outros, conversam e sabem onde se encontrar e trocar medidas de prevenção de crimes entre eles (COSTA, 2015, p. 651).

É a instituição da família, o poder de coesão que se desfaz a todo o momento, levando em conta o habitus de nomadismo dos moradores em situação de rua. Esses conceitos podem ser aplicados de modo arbitrário dentro do contexto de moradia de rua, entendendo que os laços podem se quebrar a qualquer momento, enquanto que o modo de agir está submerso em atividades corriqueiras entre eles (COSTA, 2015, p. 652).

Diferenças entre papéis de gênero e os sentidos dicotômicos para a sua implementação na ordem social já tiveram análises complementares no Brasil (FONSECA, 1990). A noção de gênero e dos comportamentos do homem e da mulher se expande na ordem do urbano, quando os enfrentamentos, os conflitos, as interações e as interfaces do gerenciamento das ações encontram espaços fronteiriços. Isso se deve porque nas interações sociais cotidianas as ações sociais são testadas mediante aos conflitos que acontecem nos eventos diários; produzindo códigos comunicacionais na ordem do urbano. Os papéis sociais em si, com seus caracteres sobre agência e narrativas empoderamento, colocam seus atores em cenas sociais de enfrentamento entre classes sociais.

Conclusões finais

Neste trabalho, se considera as relações de gênero e a união entre moradores em situação de rua, uma noção que leva em consideração os elementos que constituem o fator de (con)viver na rua. As violências e as narrativas possuem outras significações no âmbito da rua, porque justamente os atores já estão predispostos à violência simbólica. Portanto, as queixas da nossa interlocutora são construídas mediante a posição de um sujeito que está numa situação de vulnerabilidades, e o seu discurso – e queixas – incorpora as vivências e as narrativas de vida. Aqui, as cenas e as queixas são ressignificadas em relação aos espaços e às histórias de vida, e a etnografia nos serve para desvendar as evidências simbólicas contidas na construção da representação da ilusão biográfica da interlocutora. Os códigos interpretados nos levaram ao entendimento da definição *violência-união-moradia*, que sofrem intersecções nas semânticas reconstruídas pelo discurso da moradora em situação de rua evidenciado neste trabalho. A partir deste entendimento tipológico social reiteramos a necessidade de definir uma sistemática investigativa que envolva a apropriação social dos personagens entrevistados, para além da predominância situacional; logo, há de convir um trabalho de campo engajado no regime elucidativo do discurso social.

Referências

BOURDIEU, P. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, M. de M. & AMADO, J. (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. “Olhar, ouvir, escrever”. In: **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: UNESP, 2006.

COSTA, W. M. A. Violência e Cooperação na Cidade: a ordem social entre moradores em situação de rua em Natal/RN. In: I Congresso Nacional de Ciências Sociais, 2015, Vitória. **Anais eletrônicos...** Vitória: UFES, 2015. Disponível em:
https://www.academia.edu/30427206/VIOL%C3%8ANCIA_E_COOPERA%C3%87%C3%83O_NA_CIDADE_A_ORDEM_SOCIAL_ENTRE_MORADORES_EM_SITUA%C3%87%C3%83O_DE_RUA Acesso em 20 de agosto de 2017.

FONSECA, C. Cavalo amarrado também pasta: honra e humor em um grupo popular brasileiro. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 6, n. 15, 1990, pp. 27-39.

GEERTZ, C. “Estar Lá”; “Estar Aqui”. In: **Obras e Vidas: o Antropólogo como Autor**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

GREGORI, M. F. Cenas e Queixas – mulheres e relações violentas. **Novos Estudos**, nº 23, março, 1989, pp. 163-175.

GROSSI, M. P. “Gênero, sexualidade e reprodução: a constituição dos estudos sobre gênero, sexualidade e reprodução no Brasil”. In: MARTINS, C. B., DUARTE, L. F. **Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: antropologia**. São Paulo: Anpocs, 2010, 293-340.